



Prova Escrita de História A

12.º Ano de Escolaridade

Prova 623/2.ª Fase

8 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2012

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Em caso de engano, deve riscar de forma inequívoca aquilo que pretende que não seja classificado.

Escreva de forma legível a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para cada item, apresente apenas uma resposta. Se apresentar mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

A ortografia dos textos e de outros documentos segue o Acordo Ortográfico de 1990.

GRUPO I

PORTUGAL E O MUNDO APÓS A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Este grupo baseia-se na análise dos seguintes documentos:

Doc. 1 – Ameaças à paz após a Primeira Guerra Mundial, no jornal *Chicago Tribune*, EUA (1920)

Doc. 2 – Consequências da guerra, segundo o general Sinel de Cordes (1926)

Documento 1

Ameaças à paz após a Primeira Guerra Mundial, no jornal *Chicago Tribune*, EUA (1920)



Documento 2

Consequências da guerra, segundo o general Sinel de Cordes* (1926)

Portugal tomou parte no grande conflito mundial de 1914-1918, mas não estava preparado [...]. A organização militar do tempo era deficiente. [...] Sob o ponto de vista financeiro surgia coisa parecida, vivendo-se à custa da circulação fiduciária ou dos créditos da Inglaterra, que só agora se pensa em liquidar, sem nunca se ter recorrido aos empréstimos de guerra. [...] De toda a falta de preparação e de orientação resultaram, como consequências, uma pavorosa crise financeira e uma desorganização económica cujo fim não é fácil de prever. Nós hoje, enfileirando ao lado dos vencedores, estamos em piores condições económicas e financeiras do que os vencidos. Juntemos a estas perturbações [...] as de ordem moral que da guerra também derivaram e teremos de concluir que da luta em que tanto sacrificámos pouco de bom nos ficou. [...] Quer-me parecer que [...] ou se reage perante um tal estado de coisas, ou a nação morre.

* João José Sinel de Cordes (1867-1930) – foi chefe do Estado-Maior do Corpo Expedicionário Português (1918), participou no golpe militar de 28 de maio de 1926 e foi ministro das Finanças (1926-1928).

1. Identifique, com base no documento 2, três dos fatores que contribuíram para a falência da Primeira República Portuguesa.
2. Explique, a partir dos documentos 1 e 2, três das ameaças à paz que persistiam após a Primeira Guerra Mundial.

Identificação das fontes

Doc. 1 – In www.authentichistory.com (consultado em 03/01/2012) (adaptado)

Doc. 2 – In www.primeirarepublica.org (consultado em 03/01/2012) (adaptado)

GRUPO II

O MUNDO CAPITALISTA OCIDENTAL DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL À ATUALIDADE

Este grupo baseia-se na análise dos seguintes documentos:

Doc. 1 – O Plano Marshall – cartaz austríaco (1951)

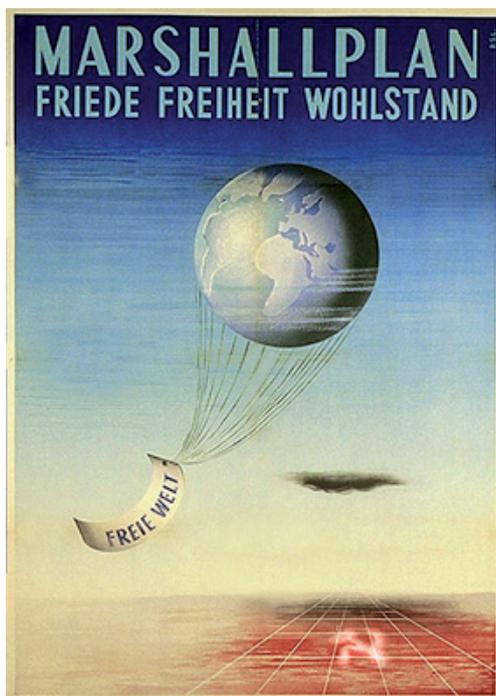
Doc. 2 – Indicadores económicos de países capitalistas ocidentais (de 1913-1950 a 1974-1992)

Doc. 3 – Prioridades do Estado no mundo capitalista – Declaração do XIX Congresso da Internacional Socialista, Berlim (1992)

Doc. 4 – Prioridades do Estado no mundo capitalista – Manifesto do 48.º Congresso da Internacional Liberal, Oxford (1997)

Documento 1

O Plano Marshall – cartaz austríaco (1951)



Tradução:

PLANO MARSHALL
Paz, Liberdade, Bem-estar

MUNDO LIVRE

Documento 2

Indicadores económicos de países capitalistas ocidentais (de 1913-1950 a 1974-1992)
(Taxa de variação média anual, em percentagem)

Países	Períodos					
	1913-1950		1951-1973		1974-1992	
	PIB	Exportações	PIB	Exportações	PIB	Exportações
EUA	1,6	2,2	2,4	6,3	1,4	5,1
Alemanha*	0,3	-2,8	5,0	12,4	2,1	4,0
França	1,1	1,1	4,0	8,2	1,7	4,4
Reino Unido	0,8	0,0	2,5	3,9	1,4	3,9

* De 1949 a 1990, apenas RFA.

Documento 3

Prioridades do Estado no mundo capitalista – Declaração do XIX Congresso da Internacional Socialista, Berlim (1992)

Os sociais-democratas* foram a força motriz da construção das estruturas de segurança social. Hoje, todavia, não nos podemos dar por satisfeitos, considerando as forças ultraliberais que ameaçam destruir as conquistas históricas do movimento laboral. Os efeitos da desregulação dos mercados têm provocado uma distribuição ainda mais injusta dos rendimentos e das oportunidades de emprego, assim como uma maior concentração do capital. [...] Os mercados são indispensáveis como fontes eficazes de recursos económicos, mas exigem uma regulação para que a concorrência seja justa [...] e não se pode prescindir de uma política social, já que nos mercados desregulados não há uma «mão invisível» que assegure a igualdade de oportunidades e a justiça social. Também é necessário [...] o apoio do governo para construir uma sociedade equilibrada. [...]

Sabemos que as altas taxas de juro desencorajam os investidores, causando níveis elevados de desemprego, que provocam falhas na «rede» garantida pela Segurança Social a trabalhadores, desempregados, doentes e idosos. O investimento em recursos humanos através de programas para a saúde, serviços sociais e salários justos é mais produtivo do que uma política monetarista e de curto prazo. [...] O esforço dos indivíduos para se adaptarem aos mercados laborais tem de ser acompanhado por um esforço de investimento público para criar novos empregos. [...] Tanto a qualidade e a sustentabilidade do crescimento como a distribuição equitativa dos benefícios são características de uma sociedade moderna.

* Também designados como Socialistas ou como Trabalhistas.

Documento 4

Prioridades do Estado no mundo capitalista – Manifesto do 48.º Congresso da Internacional Liberal, Oxford (1997)

A questão central no alívio da pobreza consiste em fornecer às pessoas meios para que elas próprias combatam a sua pobreza, para que saiam elas mesmas da pobreza. As instituições públicas e os sistemas de promoção do bem-estar devem ser tão flexíveis e administrados a um nível tão local quanto possível, almejando promover a responsabilidade individual e dar resposta às circunstâncias individuais. [...]

Em todo o mundo, está a entrar em crise, se não mesmo a colapsar, a velha mas errada ideia de que é tarefa do governo organizar as coisas para que as pessoas sejam felizes. Na maior parte dos países industrializados, sistemas de segurança social e de redistribuição exagerados e mal direcionados ameaçam ruir, e os orçamentos de Estado ameaçam legar às gerações futuras pesadas dívidas. Nos países em desenvolvimento, estão condenadas ao falhanço as tentativas de promover o desenvolvimento exclusivamente ou predominantemente através da ação governamental, uma vez que elas sobrecarregam o governo e abafam a iniciativa privada – a única que pode gerar um desenvolvimento realmente sustentável. Os Liberais reconhecem que a capacidade governamental é limitada, que um governo abrangente e o crescimento das despesas do Estado constituem em si mesmos sérias ameaças a uma sociedade livre, e que, portanto, deve ser prioritário limitar o âmbito do governo e reduzir as despesas do Estado.

Uma vez que mercados globais abertos são mais eficazes na promoção da prosperidade, [...] os Liberais deverão [...] pôr em prática a sua firme convicção de que o comércio livre, ao dar as melhores oportunidades aos economicamente mais fracos, constitui a melhor forma de ultrapassar a pobreza no mundo.

1. Refira, a partir do documento 1, três dos objetivos que estiveram na base da aplicação do Plano Marshall à Europa.
2. Compare as duas perspetivas acerca do papel do Estado nas sociedades capitalistas, expressas nos documentos 3 e 4, quanto a três dos aspetos em que se opõem.
3. Desenvolva o seguinte tema:

Desenvolvimento económico e progresso social no mundo ocidental do segundo pós-guerra aos anos 90 do século XX.

A sua resposta deve abordar, pela ordem que entender, três dos aspetos de cada um dos seguintes tópicos de desenvolvimento:

- prosperidade económica a partir do final da Segunda Guerra Mundial;
- construção do Estado-Providência no segundo pós-guerra;
- afirmação do neoliberalismo a partir da década de 1980.

Deve integrar na resposta, além dos seus conhecimentos, os dados disponíveis nos documentos de 1 a 4.

Identificação das fontes

Doc. 1 – In www.cvce.eu (consultado em 05/01/2012)

Doc. 2 – In www.ggdnc.net/maddison (consultado em 06/01/2012) (adaptado)

Doc. 3 – In www.internacionalsocialista.org (consultado em 10/01/2012) (adaptado)

Doc. 4 – In www.liberal-social.org (consultado em 09/01/2012) (adaptado)

GRUPO III

O 25 DE ABRIL E AS OPÇÕES DA POLÍTICA EXTERNA PORTUGUESA

Portugal e Espanha na Comunidade Ibero-Americana, segundo Mário Soares

(12 de abril de 2008)

1 Vai longe o tempo em que Espanha e Portugal viviam de costas voltadas, não obstante a
aliança ideológica firmada entre os dois ditadores peninsulares, Franco e Salazar, expressa no
célebre Pacto Ibérico. Mas, por múltiplas razões, os povos peninsulares nunca comunicaram –
até talvez porque não estavam, obviamente, sintonizados com os seus chefes –, apesar da
5 estreita colaboração, a nível dos governos, que mantiveram durante a guerra civil espanhola
(1936-1939), em que Salazar tão decisivamente auxiliou os fascistas espanhóis, e, depois,
pelo menos nos primeiros anos da II Guerra Mundial.

Com a Revolução dos Cravos, o 25 de Abril de 1974, tudo mudou. Na verdade, foi uma
revolução sem efusão de sangue, pacífica e, apesar de inesperada, para a Europa e o
10 Mundo, constituiu um inegável sucesso, na medida em que realizou todos os seus objetivos:
«descolonizar, democratizar e desenvolver». Foi, aliás, saudada com imenso entusiasmo em
toda a Espanha e teve uma influência muito positiva na «transição acordada» espanhola, que
asseguraria também a democracia, pacificamente, no país vizinho.

Mais do que isso: a revolução portuguesa e a transição democrática espanhola tornaram
15 fluidas, natural e quase automaticamente, as relações entre os dois Estados peninsulares e os
diversos povos ibéricos. [...]

A entrada de Espanha e de Portugal para a então CEE [...], como membros de pleno direito,
favoreceu igualmente as relações entre a Europa e a Ibero-América. [...]

A Ibero-América tem vindo a sofrer [...] uma evolução considerável no sentido de uma
20 certa unidade civilizacional e da integração económica e social. A Ibero-América deixou de
ser, nos últimos anos, o «pátio traseiro» da América do Norte. Não só o Brasil, esse país
continente, atingiu um nível de desenvolvimento, de progresso e de autonomia económica
verdadeiramente surpreendente, como também o México, o Chile, a Argentina e a Venezuela
se desenvolveram, para só citar aqueles que se movem na cena internacional com maior
25 autonomia.

Ora, a América Latina, além das suas raízes étnicas, que persistem, mantém uma certa
unidade civilizacional e linguística que lhe vem do legado ibérico, tendo como línguas principais
o castelhano e o português – que podem facilmente comunicar entre si [...] e que representam
um universo linguístico de cerca de 800 milhões de seres humanos. [...]

30 Daí que seja tão decisivamente importante estreitar as relações entre a América Latina e
a União Europeia, cabendo aos Estados peninsulares um papel pioneiro nesse domínio. [...]

Vivemos hoje, graças à entrada dos dois Estados, ao mesmo tempo, na Comunidade
Europeia, economias mais ou menos integradas, ambas abertas, tendo políticas e interesses
convergentes na União Europeia, no Mediterrâneo, no Atlântico e na [...] Comunidade
35 Ibero-Americana. [...]

Também em África, Portugal pode dar um contributo importante [...] através da CPLP
(Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

1. Refira três dos aspetos que, segundo o autor, evidenciam o «inegável sucesso» da Revolução do 25 de Abril de 1974 (linha 10).
2. Explique, a partir do documento, três das características da política externa portuguesa após o 25 de Abril de 1974.

Identificação da fonte

In www.fmsoares.pt (consultado em 12/01/2012) (adaptado)

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

1.	20 pontos	
2.	30 pontos	
		<hr/>
		50 pontos

GRUPO II

1.	20 pontos	
2.	30 pontos	
3.	50 pontos	
		<hr/>
		100 pontos

GRUPO III

1.	20 pontos	
2.	30 pontos	
		<hr/>
		50 pontos

		<hr/>	
TOTAL			200 pontos